

# #ACREDITE

EM UM MUNDO  
DIVIDIDO  
ELES OUSARAM  
QUEBRAR  
AS REGRAS

ELIANE  
QUINTELLA



THE HEARTBREAKERS







ELIANE  
QUINTELLA

# #ACREDITE



THE HEARTBREAKERS

EM UM MUNDO  
DÍVIDIDO  
ELES OUSARAM  
QUEBRAR  
AS REGRAS



Copyright © 2019 por Eliane Quintella

Todos os direitos reservados.

**Coordenação Editorial:** Eliane Quintella

**Revisão:** Sheila Mendonça

**Capa e Diagramação:** Renato Klisman

**Ilustrações:** Ricardo Chagas

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra  
sem a autorização prévia da autora.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera  
coincidência.

São Paulo - SP

*I have a dream* (Eu tenho um sonho)  
*A song to sing* (Uma canção para cantar)  
*To help me cope* (Que me ajuda a enfrentar)  
*With anything* (Qualquer coisa)  
*If you see the wonder* (Se você vê maravilhas)  
*Of a fairy tale* (Em um conto de fadas)  
*You can take the future* (Você pode agarrar o futuro)  
*Even if you fail* (Mesmo se você falhar)

*I believe in angels* (Eu acredito em anjos)  
*Something good in* (Algo bom em)  
*Everything I see* (Tudo que vejo)  
*I believe in angels* (Eu acredito em anjos)  
*When I know the time* (Quando eu sei que o tempo)  
*Is right for me* (É certo para mim)  
*I'll cross the stream* (Eu vou cruzar a correnteza)  
*I have a dream* (Eu tenho um sonho)

*I have a dream* (Eu tenho um sonho)  
*A fantasy* (Uma fantasia)  
*To help me through* (Que me ajuda atravessar a)

*Reality (Realidade)*

*And my destination (E o meu destino)*

*Makes it worth the while (Faz valer a pena)*

*Pushing through the darkness (Enquanto me empurra através da escuridão)*

*Still another mile (Ainda mais uma milha)*

*I believe in angels (Eu acredito em anjos)*

*Something good in (Algo bom em)*

*Everything I see (Tudo que vejo)*

*I believe in angels (Eu acredito em anjos)*

*When I know the time (Quando eu sei que o tempo)*

*Is right for me (É certo para mim)*

*I'll cross the stream (Eu vou cruzar a correnteza)*

*I have a dream (Eu tenho um sonho)*

I have a dream - ABBA

*Para Alê e Zizi.*

*Um livro que vocês podem ler, meus queridos.*

*Com muito amor,*

*Mamãe.*



**O amor é a força mais poderosa que existe.** É o amor que te faz acreditar, perseverar, nunca desistir e ir além do que achava ser tuas capacidades e alcançar aquele sonho dourado que parecia impossível. É pelo amor que você mergulha de cabeça no escuro e encontra a força que precisava para superar quaisquer obstáculos. E a história que eu vou contar a vocês é sobre esse tipo de amor, esse amor mágico, que transforma. Mas a história não é só sobre amor, é muito sobre acreditar.

Toda vida eu tinha escutado que Braites não podiam ter relacionamento amoroso com Lalulis. Toda vez que isso acontecia, o Laluli fazia o Braite ficar fraco e perder sua magia. Bom, perder a magia é a pior coisa que pode acontecer para um Braite, pois significa perder sua essência, deixar de ser um Braite e virar uma coisa qualquer que não é nada.

Mas o amor tem muitas facetas e é uma força poderosa demais para querer controlá-la. Ao contrário disso, temos que viver em harmonia com a energia do amor, navegar por ela e nunca abafá-la, mas eu era muito nova e àquela época eu não sabia de toda força que o amor tinha.

Eu só tinha dezesseis anos quando me apaixonei perdidamente por

Raul, um Laluli lindo de cabelo roxo e grandes olhos cor de mel que estava no último ano do colégio. Tinha alguma coisa no jeito dele que me fez apaixonar perdidamente. Ele virou um pensamento fixo em minha mente, eu tentava a todo custo pensar em outra coisa, mas não adiantava, só pensava em ter aqueles grandes olhos de mel só para mim.

Eu tentava sempre me enganar. Dizia para mim mesma que ele era feio, horroroso, que não tinha nada demais, que minha vida mágica ao lado de minha família era o que havia de mais importante, beijá-lo não seria a melhor coisa que podia acontecer comigo. Ter aqueles grandes olhos mel me olhando sempre que quisesse não valeria a pena, mas meu coração não se deixava enganar e bastava cruzar com ele no corredor da escola para o coração bater muito acelerado e uma alegria pulsante invadir todo meu corpo. Toda vez que eu o via, ainda que de longe, a alegria que eu sentia era instantânea. Eu vivia todos os dias só para sentir esses momentos mágicos, e se eu não o via, dava um jeito de descobrir onde ele estava, só para espiá-lo. Nada era melhor que aquele Laluli divino. Sim, eu estava absolutamente, completamente, perdidamente apaixonada.

Foram meses de muita luta contra tudo o que meu coração me dizia. Eu tentava não sentir, mas era impossível, eu só conseguia pensar nele todos os segundos de minha vida. Na escola minhas tentativas de fuga eram decepcionantes. Eu jurava de pé junto que não procuraria por ele, mas era só eu colocar os pés na escola para meus olhos varrerem os quatro cantos buscando por ele. E quando ele estava por perto então, era insuportável, eu tentava desviar os olhos, olhava para cima, para baixo, para os lados, devia parecer uma alucinada, mas logo depois eu o encarava sem conseguir disfarçar. E aqueles olhos grandes e indefesos me olhavam de um jeito doce, que não sei explicar, parecia que eu podia salvá-lo de tudo e que juntos mudaríamos o mundo. Sabia que era loucura pensar assim. Era tudo loucura,

eu sabia, Braités e Lalulis não podem ficar juntos, mas não me venha com esse sermão que para isso eu já tenho a minha mãe.

— Paaaaam! — gritou minha melhor amiga ensandecida me trazendo de volta à realidade.

— Ai! Peraí, Lola! Que escândalo! Que foi? — perguntei fingindo ignorar o que eu sabia que ela iria me dizer.

— Pamela, *cara*, você precisa parar com isso. Já te falei. Vai dar ruim, Pam, vai dar muito ruim! — Ela praticamente gritava.

*Vai ser a melhor coisa do mundo se um dia eu puder beijá-lo*, pensei empolgada me lembrando daquela boca perfeita que Raul tinha.

— Não enche, Lola! — disse fingindo que não era relevante sua preocupação.

— Por *Oracle*! É sério, Pam, é sério! Não podemos, você sabe! — Lola arregalava os olhos toda vez que ficava aflita.

— Você leva tudo muito a sério — falei irritada. — Vem, vamos embora que a aula já acabou — disse puxando ela para fora da sala de aula e tentando ainda olhar disfarçadamente para ele uma última vez.

Podia ser impressão minha, mas eu achava que aquele cara me curti também. Ele me dava umas olhadas que demoravam. Sim, não era uma olhada qualquer. Ele era a fim de mim. Tinha que ser.

Fim de aula. E lá fui eu com os outros Braités para nosso gueto dourado. Eu não entendia muito bem o porquê daquela separação toda. Nunca entendi. Éramos nós, os Braités, que dominávamos tudo. Éramos somente nós que podíamos fazer a verdadeira magia, só nós que éramos felizes e que vivíamos a vida que queríamos viver. Os Lalulis nunca conseguiam fazer a verdadeira magia. Bom, é claro que eles levantam copos,

tiram bichos da cartola e coisas assim, mas transformar a realidade de acordo com a vontade deles, isso eles nunca conseguiram fazer.

Mamãe diz que é porque eles são diferentes de nós, não têm nosso poder. Eu nunca falei para ela, mas acho isso ridículo. É lógico que eles não têm nosso poder, isso é óbvio. Mas a questão é: por que eles não têm nosso poder? O que aconteceu a eles? Sobre isso, especulações não faltam, nem teorias, mas o que a maior parte dos magos acredita, sejam Braites ou Lalulis, e não é bonito de se ouvir, é que eles são de uma classe inferior, por terem menos poderes. E é isso que eu acho cada vez mais difícil acreditar. É só olhar para Raul para ver que ele é melhor que muito Braite por aí. Ele é perfeito.

— Pamela! — gritava minha mãe nervosa. — Onde você está com a cabeça que não me responde?

— Sei lá... Estava pensando no que aprendi na aula hoje — disse sem jeito.

— Conta outra, filha! — Ela falou rindo, pois sabia que aquilo era puro papo furado.

— Ah sei lá, mãe, é a adolescência — arrisquei.

Minha mãe bufou e deu outra garfada, depois que terminou me encarou novamente, agora séria, e eu sorri sem graça.

— Vamos me responde logo. — Ela falou firme.

— O quê? — falei me fingindo de boba.

— Deixa para lá. — Ela disse desistindo de me inquirir.

*Ufa*, pensei.

— Cadê o papai? — perguntei logo para mudar de assunto.

— Ele não vai conseguir almoçar com a gente hoje.

— Mãe, eu fico pensando sobre a gente ter tudo e os Lalulis não. Por quê? Assim, eu sei que são menos poderosos, mas tem um Laluli na minha escola que parece ser melhor que muito Braite por aí, sei lá ele tem um jeito, sabe?

— E o que ele fez que te impressionou? — perguntou minha mãe sem tirar os olhos do prato de comida.

— Nada. Ele só aparenta. Tem ummm — tentava achar a melhor palavra para contar a minha mãe que ele era especial sem entregar que era apaixonada por ele. — jeito, sabe, bem melhor que muito Braite por aí. — *De verdade, meu Laluli nem se comparava àquele Braite ruivo horroroso que morava perto de casa.*

— Ah tá! — Ela disse se servindo de mais uma garfada. — Se um dia ele fizer alguma coisa, me avisa — disse rindo para mim.

— É sério, mãe — falei irritada.

— Ok, não tô falando nada. — Minha mãe falou e com os olhos levou os pratos para a cozinha. — Ele sabe fazer isso? — perguntou com um pequeno sorriso nos lábios, como se fazer os pratos flutuarem fosse grande coisa.

— É sério, mãe!

Pensei em insistir na conversa, mas vi que minha mãe estava debochando de mim e que isso não levaria a nada. Conversar com meu pai era sempre mais fácil. Eu poderia invocá-lo, mas ao vivo era sempre melhor, por isso iria esperar.

Eu já tinha terminado meu treinamento de magia quando meu pai chegou. Apesar de eu já não ser nenhuma menininha, meu pai sempre me

tirava do chão quando me via e me jogava para cima, desconfio que com um pouco de ajuda de sua força mágica. Eu sempre ria, hoje em dia menos pela diversão e muito mais pela cara de feliz que ele fazia.

Depois do jantar fui para o laboratório de magia com ele. Sempre fazíamos isso. Era parte do nosso ritual. A chance que tínhamos de conversar à vontade sobre tudo que queríamos. Eu adorava esses momentos.

— Pai, você pensa como a mamãe? — perguntei como se ele conseguisse adivinhar meus pensamentos.

— De que jeito, Panqueca? — Ele perguntou carinhosamente.

— Que um Laluli nunca será melhor que um Braite? — perguntei de uma vez.

— Eles são diferentes de nós, Pam — disse desviando os olhos, pois papai sabia que não era exatamente o que eu esperava ouvir e já tivemos conversas sobre isso no passado não muito distante.

— Diferentes como? — insisti.

— Ah, você sabe, Pam, não têm nossos poderes, não conseguem transformar a realidade, só fazem magia simples e truques triviais — explicou mais uma vez.

— Sei disso, pai, mas se treinassem feito a gente, usando nossos métodos, será que não conseguiriam? — Meu pai era um cara inteligente, queria muito saber sua opinião.

— Pam, acho que não, alguns Braites já tentaram, mas, no final, eles não somam força como outros Braites, pelo contrário eles só sugam nossa energia.

— Mas será que todos os Lalulis são assim? — indaguei de novo.

— Isso tudo é sobre aquele garoto que estuda com você, não é? — Ele disse segurando em minhas mãos carinhosamente.

— Bom, acho que é. Ele é — suspirei fundo buscando uma palavra mais apropriada que “perfeito”. — intrigante.

— Pam, já te disse, você não pode se envolver com esse garoto. Um Braite não pode se envolver sentimentalmente com um Laluli. Estou falando sério, minha filha. Toda vez que acontece é inevitável: o Laluli suga energia do Braite e o enfraquece. Filha, você pode abaixar tanto sua força que tudo que conseguirá é levantar copos. — Meu pai se levantou e foi até a janela. — Você se lembra da história que te contei sobre sua tia-avó Melina?

— Ela acabou virando uma Laluli louca e infeliz, porque casou e teve filhos com um Laluli.

— Isso mesmo. Veja o fim de sua tia-avó Melina. — Meu pai iluminou sua bola de cristal e mostrou minha tia-avó em uma cadeira de balanço com o olhar perdido e babando loucamente ao lado de um Laluli gordo e velho que brincava de levantar almofadas do sofá e depois as jogava nas cabeças das crianças que corriam pela sala. — Você não quer acabar desse jeito, não é?

— Acho que não — suspirei. — Mas será que ela é feliz? — insisti ainda com alguma esperança.

— De que jeito? — perguntou meu pai.

— Ela parecia entediada, né? — perguntei sem jeito.

— Completamente, Pam. Não nascemos para esse destino, minha filha. Braites precisam de Braites para que possamos juntos expandir a força mágica e conquistarmos grandes feitos. Você viu aquela praia nova de areia azul perto da montanha? — assenti. — É obra de um Braite, minha filha —

disse orgulhoso.

— Eu sei, pai. Mas por que eles são assim tão diferentes de nós? — perguntei aflita.

— Talvez não seja proposital, mas Lalulis são pessimistas por natureza, reclamam sempre, nunca conseguem lidar bem com circunstâncias ruins, amam intrigas, são desprovidos de fé e não trazem nada de bom para a gente. — Meu pai se sentou novamente ao meu lado, apertou forte minha mão e me olhou fixamente nos olhos. — Escute bem uma coisa, fique longe desse Laluli, Pam, fuja dele. Não pediria isso a você se não fosse necessário. Você entende, não é? — Ele falou com aquele olhar duro que eu conhecia tão bem e que geralmente encerrava qualquer debate.

Fui até a janela, tinha que sair de perto do meu pai. Tinha que poder sofrer em paz. Tristeza para nós não era bem-vinda e não queria ser lembrada disso. Lá de longe dava para ver a terra dos Lalulis, ela circundava nosso gueto. Havia muito mais Lalulis que Braitos no mundo. Era tudo cinza, bege, e marrom no mundo dos Lalulis como se cores e outras pequenas alegrias fossem futilidades exclusivas dos Braitos. Papai falava que eles desdenhavam nosso modo de viver, pois, na verdade, queriam ser como nós, mas não podiam. Eu não sabia de nada, mas não achava que fazia muito sentido.







**Cheguei desanimada na escola no dia seguinte.** A conversa com meu pai tinha sido um balde de água fria. Eu sabia que como Braite eu tinha que fugir ao máximo de ter sentimentos ruins. Éramos treinados desde pequenos a emanar energia positiva, esperar o bem, sermos positivos e leves, tudo para concentrar energia e conseguir fazer magia, mas naquele dia estava difícil. Eu tinha me apaixonado por um Laluli e não podia nem sonhar em seguir adiante. Era uma tragédia para mim, pois eu sabia que não devia querer me aproximar, sabia que ele não era para mim, tentava racionalizar, mas tudo o que eu queria era vê-lo novamente e estar ao seu lado.

Acabei me arrastando pela escola o dia inteiro de um canto a outro sem ânimo nenhum. É claro que não conseguia prestar atenção em nada e recebi algumas broncas por isso, mas fazer o quê, se tudo o que queria e pensava é que eu tinha que ser livre para namorar aquele Laluli lindo.

Foi na hora do intervalo que aconteceu. Meu Laluli esbarrou em mim. *Isso mesmo! Ele esbarrou em mim!* Eu me desequilibrei e caí no chão e ele

correu para me acudir preocupado e eu sorri feliz feito uma completa idiota, não pelo tombo, mas porque finalmente ele estava perto de mim.

— Desculpe! — Ele disse puxando meu braço para me levantar. — Que sorriso é esse? — Ele perguntou rindo do meu sorriso espalhafatoso de Braite. Não consegui falar nada. — Braites sempre são positivos, mas até quando caem no chão? — Ele perguntou se divertindo.

— Nem sempre somos tão positivos. — consegui dizer por fim, meio sem graça, apenas para falar alguma coisa.

— Você está comigo na aula de laboratório de magia, não é? — Ele perguntou com aquele sorriso discreto e lindo no rosto.

— Estou, já faz um ano e meio — disse sem jeito e irritada comigo mesma por não conseguir ser mais geniosa na resposta.

— Tudo isso? Uau! Uma hora tenho que me livrar dessa matéria. — Ele falou, mas percebi que seus olhos estranharam meu comentário. Ele deu um tapinha nas minhas costas como se estivesse se despedindo. — Tome cuidado ao andar por aí — Ele brincou com aquele sorriso perfeito nos lábios. —, você estava bem distraída, viu?

Eu precisava falar. Eu tinha que dizer. Nunca tinha chegado tão perto dele. Lalulis e Braites interagem muito pouco, separavam-se sempre que possível e a turma sempre cobrava distância. Logo acabaria o momento.

— Eu não consigo parar de pensar em alguém que não posso pensar — disse por fim, tomando coragem.

Assim que falei alguma coisa se iluminou dentro dele como se a

felicidade tivesse tocado sua alma e ele ainda ficou mais lindo.

— Você não pode? — Ele perguntou com seus olhos bem abertos como se não quisesse perder nenhum detalhe da minha expressão.

— Dizem que eu não posso — falei com um sorriso para ele.

— Você vai continuar pensando? — Ele perguntou com os olhos brilhando.

— Todo instante — respondi.

Poucos segundos depois, Lola estava do meu lado aflita.

— Pam, você falou com ele? É isso? Você falou com ele? Você não pode, você é louca, não pode, não pode. — Ela falou desesperada.

— Ai, Lola, eu só esbarrei nele. Foi sem querer — disse olhando para baixo, mas sem conseguir esconder o sorriso que iluminava meu rosto.

— Pamela, Pamela! Pelas barbas de Merlin, nem pense em fazer uma coisa destas. Você vai arruinar sua vida, já pensou nisso?

— Vamos voltar para a aula, Lola! Vamos logo — disse puxando-a pela mão, sem querer pensar no lado ruim do que poderia acontecer se eu ficasse com ele.

Demorou dois dias para eu ter uma ideia brilhante: perder o bonde voador de volta para o gueto Braite.

Saí escondida do banheiro da escola. Não havia mais nenhum Braite na escola. Era eu e os Lalulis que aos poucos se iam também de volta às suas

casas. Corri para a saída da escola na esperança de encontrá-lo e lá estava ele, o meu Laluli.

— Pamela, você perdeu o bonde voador? Nossa, não acredito... — Ele falou com os olhos surpresos e alegres.

— Você sabe meu nome?

— Acha que é só você que pensa em mim? — Ele falou me puxando para um canto onde não seríamos facilmente vistos pelos Lalulis que ocupavam a saída.

— Eu achava que era só eu, mas eu também achava que você de alguma forma, bom, sei lá. Mas por que você nunca falou comigo antes?

— E como eu faria isso, Pam? — Ele me olhou com aquele olhar indefeso que eu adorava. — Pam, é assim que teus amigos Braites te chamam, não é? — perguntou, sorrindo.

Fiz que sim com a cabeça.

— E como seus amigos te chamam, Raul?

— De Raul mesmo. — Ele disse com aquele sorriso de canto maravilhoso. — Você sabe que está se metendo numa enrascada, não é? — Ele pegou em minhas mãos.

Antes que eu pudesse responder, ele me deu um beijo de tirar o fôlego na boca, mal tinha me recomposto e ele se afastou rapidamente de mim.

— Eu precisava fazer isso. Não podemos perder os momentos que ninguém está nos vendo. Agora preciso ir. — Ele falou olhando para o

relógio da parede.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---